

Gestão em saúde no controle de infecções hospitalares: práticas e reflexões

Kátia Cristina Barbosa Ferreira

Enfermeira. Mestranda em Saúde Pública. Universidade Estadual da Paraíba

✉ katiacristferreira@gmail.com

Nathalia Claudino do Nascimento

Graduada em Enfermagem

Mestre em enfermagem- UFPB

✉ nathiclaudino1997@outlook.com

Ana Quitéria Fernandes Ferreira

Graduada em Enfermagem. Graduada em Enfermagem (Estácio-RN), Especialização em Saúde da Família (Estácio-RN), Especialização em Auditoria em Saúde (UFRN) e Enfermagem em UTI (Don Alberto)

✉ aninhaquiteria86@hotmail.com

Amanda Bezerra de Araújo

Graduada em Enfermagem

Mestre em Gestão e Economia da Saúde pela UEPE

✉ mandalarissa23@gmail.com

Geni Kelly Araújo Silva Melo

Graduada em Enfermagem. Pós-graduação em Gestão da Clínica nas Regiões de Saúde - IEP-HSL

✉ gkellyuepa@hotmail.com

Resumo:

A gestão em saúde envolve muitas formas de atuação de pequena, média e alta complexidade. Isso se dá através das mediações administrativas e burocráticas, até a execução de atividades em saúde voltadas aos pacientes e à comunidade. O processo infeccioso no hospital é definido como uma síndrome infecciosa adquirida posteriormente à internação ou ao procedimento ambulatorial, podendo manifestar-se após a alta e estar relacionada com algum procedimento realizado durante a internação e, ou tratamento. No ambiente hospitalar, a preocupação com o controle da infecção deve ser ponto primordial entre os profissionais da saúde, envolvendo, de forma constante, todas as ações e procedimentos a que o usuário for submetido. Sendo assim, políticas que se direcionam a prevenção e promoção da saúde hospitalar são relevantes, e precisam da participação de todos os envolvidos, atuando desde a implementação até a sua execução. A gestão em saúde refere-se às práticas e processos administrativos adotados para melhorar a eficiência, qualidade e eficácia na prestação de serviços de saúde. Envolve a administração de recursos humanos, financeiros e tecnológicos para garantir o melhor atendimento aos pacientes, promover a segurança do paciente, otimizar os processos e alcançar resultados positivos para a comunidade atendida. A gestão em saúde é uma área dinâmica e desafiadora que busca melhorar constantemente a qualidade e a eficiência dos serviços prestados, visando o bem-estar dos pacientes e da comunidade em geral.

Palavras-chave: Enfermagem, Infecção Hospitalar, Segurança do Paciente, Saúde Pública.

Health management in the control of hospital infections: practices and reflections

Abstract:

Health management involves many forms of small, medium and high complexity actions. This occurs through administrative and bureaucratic mediations, up to the execution of health activities aimed at patients and the community. The infectious process in the hospital is defined as an infectious syndrome acquired after hospitalization or an outpatient procedure, which may manifest itself after discharge and be related to a procedure performed during hospitalization and/or treatment. In the hospital environment, concern with infection control must be a primary issue among healthcare professionals, constantly involving all actions and procedures to which the user is subjected. Therefore, policies aimed at preventing and promoting hospital health are relevant, and require the participation of everyone involved, working from implementation to execution. Health management refers to administrative practices and processes adopted to improve efficiency, quality and effectiveness in the provision of health services. It involves the management of human, financial and technological resources to ensure the best care for patients, promote patient safety, optimize processes and achieve positive results for the community served. Health management is a dynamic and challenging area that seeks to constantly improve the quality and efficiency of services provided, aiming for the well-being of patients and the community in general.

Keywords: Nursing, Hospital Infection, Patient Safety, Public Health.

La gestión sanitaria en el control de las infecciones hospitalarias: prácticas y reflexiones

Resumen:

La gestión sanitaria implica muchas formas de acciones de pequeña, mediana y alta complejidad. Esto abarca desde el control y las mediaciones administrativas y burocráticas, hasta la ejecución de actividades de salud dirigidas a los pacientes y la comunidad. La infección hospitalaria se define como un síndrome infeccioso adquirido tras una hospitalización o un procedimiento ambulatorio, que puede manifestarse tras el alta y estar relacionado con un procedimiento realizado durante la hospitalización y/o el tratamiento. En el ambiente hospitalario, la preocupación por el control de infecciones debe ser un tema primordial entre los profesionales de la salud, involucrando constantemente todas las acciones y procedimientos a los que está sometido el usuario. Por lo tanto, las políticas encaminadas a prevenir y controlar las infecciones hospitalarias, tanto macro políticas (gubernamentales) como micro políticas (institucionales), desde su elaboración hasta su implementación y supervisión, necesitan contar con la participación de los trabajadores involucrados con la atención a los pacientes/clientes en hospitales. La gestión sanitaria se refiere a las prácticas y procesos administrativos adoptados para mejorar la eficiencia, la calidad y la eficacia en la prestación de los servicios de salud. Implica la gestión de recursos humanos, financieros y tecnológicos para garantizar la mejor atención a los pacientes, promover la seguridad del paciente, optimizar procesos y lograr resultados positivos para la comunidad atendida. La gestión en salud es un área dinámica y desafiante que busca mejorar constantemente la calidad y eficiencia de los servicios prestados, buscando el bienestar de los pacientes y de la comunidad en general.

Palabras clave: Enfermería, Infección Hospitalaria, Seguridad del Paciente, Salud Pública.

INTRODUÇÃO

A gestão em saúde envolve muitas formas de atuação de pequena, média e alta complexidade. Isso se dá desde o controle e mediações administrativas e burocráticas, até a execução de atividades em saúde voltadas aos pacientes e à comunidade. Visualizar esse universo de ações em toda a sua complexidade, requer um olhar criterioso, o que implica em contextualizar a promoção de meios que permitam todas as margens de segurança e prevenção dentro do binômio saúde-doença. Isso se volta tanto para os pacientes/comunidade, quanto para os colaboradores em sua totalidade, quando lidam diretamente com o contexto de saúde, ou quando proporcionam meios e métodos para que a saúde seja proporcionada.

Assim, gerir em saúde, promover a gestão em saúde, vai além do ‘evitar doenças’, ou ‘minimizar riscos’. Ligar todos os pontos e fazer pontes entre práticas administrativas e execução de tarefas, potencializar ações benéficas, considerar mudanças e/ou meios viáveis, substituir critérios que desestabilizam um bom andamento das demandas – dentre outros – e, destarte, chegar às melhores avaliações de todo o contexto, configuram uma boa gestão hospitalar.

Nesse ínterim, há uma ligação intrínseca entre a qualidade da assistência e o controle de infecções, pois se motiva a buscar, dentro da gestão em saúde, os eventos que podem levar ao surgimento de infecções hospitalares (sejam fatores internos, sejam externos) e, desse modo, a procura por saná-los, diante de um tema contextualizado há décadas. Sobre isso, a OPAS (2010, p.16) já definia que:

“A preocupação pela distribuição dos determinantes de saúde na população, a necessidade de incorporar a medida e a análise de desigualdades na saúde ao foco epidemiológico e a urgência para orientar decisões que promovam a equidade na saúde são, assim, novos desafios que enfrenta a epidemiologia e a saúde pública [...]”.

Em outros termos, considera-se que os fatores determinantes de saúde, que são ligados à moradia, educação, saneamento básico, tendenciam comportamentos em saúde. Hábitos de higiene, alimentares, o modo como cada indivíduo cuida e lida com sua própria saúde e a saúde da comunidade, determinam a forma como o comportamento em saúde influencia,

inclusive, na forma como uma infecção pode se desenvolver, se proliferar e se potencializar dentro do coletivo.

DESENVOLVIMENTO

A contemporaneidade vem exigindo métodos de planejamentos efetivos sobre a qualidade assistencial. Com visão e missões institucionais nos serviços de saúde, comprometidos com a qualidade e na segurança do paciente, organizado por meios do gerenciamento desde a micro a macro gestão de um serviço. A gestão em saúde possui um papel fundamental no que diz respeito detecção de falhas e problemas relacionadas a assistência a saúde, com a detecção de não conformidades operacionais, compreendendo diversos aspectos quanto a organização do serviço (PESSOA *et al.*, 2020). Assim, a gestão está inserida em diversos serviços de saúde, como forma de otimizar a mediação de métodos engloba grandes desafios tanto na implementação de medidas quanto na resolução de demandas existentes.

O gerenciamento engloba a disponibilização de recursos sistemáticos como a organização de serviços como o controle de infecções hospitalares, atualmente denominadas Infecções Relacionadas a Assistência à Saúde (IRAS). As infecções são eventos considerados preocupantes, pois refletem na assistência prestada ao paciente. Uma instituição de saúde que apresenta altas taxas de incidência de processos infecciosos decorrentes da assistência em saúde, apresenta um desnível na qualidade dos recursos investidos para a prevenção desses eventos (PESSOA *et al.*, 2020; ARAÚJO e PEREIRA, 2017).

Em um estudo elaborado em uma revisão integrativa realizada com objetivo de analisar a qualidade dos serviços de controle de infecção hospitalar, foi possível evidenciar quesitos importantes para o funcionamento do serviço, estabelecidos como primordiais para que no mínimo sejam efetuadas ações básicas do programa de prevenção de infecções em qualquer instituição de saúde. Dentre os itens analisados, estão o acondicionamento infra estrutural, baixa adesão no estabelecimento de ações preventivas, recursos humanos insuficientes, déficit no levantamento de indicadores, entre outros em diversos países. Com

o estudo, também foi possível evidenciar uma insatisfação no desenvolvimento das ações estratégicas exigidas pela literatura (ALVIM *et al.*, 2020).

Segundo um outro estudo realizado em 2020, as infecções proporcionam complicações que podem comprometer tanto a vida do paciente, quanto as instituições de saúde. Elas podem prolongar o tempo de internação do paciente, geram danos ou até morte decorrente da assistência indevida em instituições de saúde. Os serviços de controle de infecções, auxiliam na prevenção dessas IRAS, reduzindo ao mínimo possível condições que favorecem sua existência. Realizam orientações com base na educação permanente e contínua de ações de educação em saúde, durante os procedimentos. Realizam busca ativa de eventos epidemiológicos que influenciam diretamente o paciente e o profissional de saúde (RODRIGUES *et al.*, 2020).

O processo de trabalho gerido no controle de infecções, contextualizam ações que pleiteiam sobre como caminha a atuação dos profissionais de saúde mediante o cuidado prestado. Assim como permite a transmissão dos valores da instituição que presta o serviço visando a eficiência, efetividade e eficácia no serviço.

O desenvolvimento de atividades do serviço de controle de infecções, abrangem ações que vão desde a ênfase da prevenção das infecções como o fortalecimento da higienização das mãos, quanto ao estabelecimento, orientação e aplicabilidade de boas práticas assistenciais baseadas cientificamente de cuidados visando a presença de infecções como pneumonias associadas a ventilação mecânica, infecção decorrente ao uso de outros dispositivos, entre outras atividades. Associando-as concomitantemente á indicadores gerados pelas investigações sobre taxas incidentes dessas infecções. Provendo dados e informações que cogitam como o cuidado assistencial é prestado (CARDOSO *et al.*, 2022).

O gerenciamento de ações estratégicas que visam a prevenção de ações voltadas as infecções relacionadas a assistência a saúde, se apresentam como um reflexo assistencial. Pois, uma instituição que atua na gestão da qualidade, enfatizando o gerenciamento de riscos que comprometem a vida ou o bem estar de um paciente, fomentam a valorização da prestação do cuidado seguro, efetivo e centrada no próprio paciente. Consequentemente, com uma gestão eficaz, é possível elencar possíveis casuísticas relacionadas ao déficit do

processo de desenvolvimento do trabalho de prevenção e controle das infecções, favorecendo a visualização das prioridades a serem elencadas no serviço.

Dessa forma, a Internação hospitalar, muitas vezes, é inevitável para a realização de tratamentos de saúde. Entretanto, a exposição do usuário a esse ambiente torna-o suscetível a desenvolver processos infecciosos por micro-organismos hospitalares que se encontram nesse espaço. Para contornar essa situação, são necessárias medidas que tornam o ambiente hospitalar menos nocivo e a Infecção Hospitalar (IH) possa ser prevenida e/ou controlada (PRECE *et al.*, 2017).

A IH é definida como uma síndrome infecciosa adquirida posteriormente à internação ou ao procedimento ambulatorial, podendo manifestar-se após a alta e estar relacionada com algum procedimento realizado durante a internação e, ou tratamento. No ambiente hospitalar, a preocupação com o controle da infecção deve ser ponto primordial entre os profissionais da saúde, envolvendo, de forma constante, todas as ações e procedimentos a que o usuário for submetido (PRECE *et al.*, 2017).

Mesmo diante do valor comprovado da higienização ou lavagem das mãos ou outros simples gestos na prevenção da transmissão microbiana, profissionais de saúde, continuam ignorando esse gesto simples e parece não compreenderem os mecanismos básicos da transmissão das doenças infecciosas (CASTANHEIRA *et al.*, 2020). O princípio fundamental do legado de *Nightingale* para a prática da profissão é a questão do ambiente. Os ideais referentes a esse princípio foram fundamentados na Teoria Ambientalista e foram considerados primordiais para o sucesso do trabalho de *Nightingale*, sendo verificados na eficaz redução das mortes de soldados feridos por infecção e na recuperação de pacientes (JUNIOR *et al.*, 2020).

No Brasil, as infecções hospitalares representam um problema de saúde pública, evidenciado pelo aumento nos custos com tratamento, interdição de unidades de internação e elevado número de óbitos, o que culminou na interferência do governo, por meio do Ministério da Saúde (MS), ao criar medidas específicas para a prevenção e controle da mesma. Nesse sentido, instituíram-se políticas de saúde para a área hospitalar exigindo a criação da comissão de controle de infecção hospitalar (CCIH). O MS define CCIH como um órgão de assessoria à autoridade máxima da instituição e de execução das ações de controle de infecção hospitalar (CASTANHEIRA *et al.*, 2020).

As Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) se constituem enquanto componentes essenciais para a democratização e para o aprimoramento da gestão em serviços de saúde. Com a missão de proteger e promover a saúde da população, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) é responsável por definir as normas gerais, os critérios e os métodos para a prevenção e controle das IRAS no Brasil (ANVISA, 2013).

Considerando as determinações do Ministério da Saúde (MS) da Lei nº 9.431 de 6 de janeiro de 1997 na Portaria Nº 2616, de 12 de maio de 1998 do MS, que dispõe sobre a obrigatoriedade da manutenção pelos hospitais do país, de Programa de Controle de Infecções Hospitalares (PCIH). Sendo assim, podemos dizer que as infecções Hospitalares constituem risco significativo à saúde dos usuários dos hospitais, e sua prevenção e controle envolvem medidas de qualificação de assistência hospitalar, da vigilância sanitária e outras, tomadas no âmbito do Estado, do Município e de cada hospital, atinentes a seu funcionamento (JUNIOR *et al.*, 2020).

Dessa forma, compreende-se que ações direcionadas a prevenção e ao controle de infecções no ambiente hospitalar são primordiais, e que estão diretamente ligadas a mortalidade humana e dos pacientes atendidos. Por isto, a prevenção deve ser rotina no serviço de saúde, no qual há necessidade da participação coletiva (CASTANHEIRA *et al.*, 2020; PRECE *et al.*, 2017).

CONCLUSÃO

O estudo proporcionou a leitura e análise reflexiva acerca das políticas voltadas à prevenção e ao controle das infecções hospitalares, abordando o processo e seu impacto no cuidado em saúde e na assistência aos pacientes/clientes em hospitais. Assim, ocorre a necessidade da participação coletiva, resultando na produção de conhecimento em novas possibilidades para a saúde de forma interdisciplinar, conforme explanado nesta pesquisa em questão.

Entende-se a importância de pesquisas nesta modalidade para a formação acadêmica, bem como para a assistência de futuros trabalhadores da área da saúde, objetivando a

discussão e reflexão acerca da temática, construindo um espaço para uma atuação profissional em conjunto. Cabe destacar, que a transformação de um ambiente hospitalar a partir de ações de educação em saúde ocorrem com o desenvolvimento de estudos e pesquisas, sendo primordial o incentivo de instituições de saúde e universidades na posição de apoiadores para tal.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, B.T; PEREIRA, D.C.R. Políticas para controle de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) no Brasil, 2017. **Com. Ciências Saúde**. 2017; 28(3/4):333-342. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/40729> Acesso 20 de janeiro de 2024.

ALVIM, A.L.S; COUTO, B.R.G.M; GAZZINELLI, A. Qualidade dos programas de controle de infecção hospitalar: revisão integrativa. **Rev. Gaúcha Enferm.** 41. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/QGnx3wqczwtcdjkbkmwQFvxv/?lang=pt> Acesso 20 de janeiro de 2024.

CARDOSO, E.R, *et. al.* **Atuação do enfermeiro na prevenção e controle da infecção hospitalar**. Editora Epitaya. Cap. 18. Rio de Janeiro. Pag. 314-329. 2022. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/525> Acesso 20 de janeiro de 2024.

CASTANHEIRA , J. S. *et al.* Assistance in cardiorespiratory arrest: health care structures in a hospitalization unit. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. e329997319, 2020. Disponível em: [DOI: 10.33448/rsd-v9i9.7319](https://doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7319). Acesso 20 de janeiro de 2024.

JÚNIOR A. M. F. *et al.* Produção científica acerca dos fatores de risco para lesões por pressão em pacientes adultos internados em Unidade de Terapia Intensiva. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 8, p. e2968, 26 mar. 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/cientifico/article/view/2968> Acesso 20 de janeiro de 2024.

OPAS. Módulos de Princípios de Epidemiologia para o Controle de Enfermidades. Módulo 1: apresentação e marco conceitual / **Organização Pan-Americana da Saúde**. Brasília : Organização Pan-Americana da Saúde ; Ministério da Saúde, 2010. 30 p.: il. 7 volumes. ISBN 978-85-7967-019-0. Disponível em: https://ses.sp.bvs.br/local/File/Modulos%20de%20Principios%20de%20Epidemiologia%20para%20o%20Controle%20de%20Enfermidades%20MOPECE_.pdf Acesso 20 de janeiro de 2024.

PRECE, A.; CERVANTES, J.; MAZUR, C. DA S.; VISENTIN, A. Perfil de pacientes em terapia intensiva: necessidade do conhecimento para organização do cuidado. **Cadernos da Escola de Saúde**, v. 2, n. 16, 14 mar. 2017. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernossaude/article/view/2462> Acesso 20 de janeiro de 2024.

RODRIGUES, L.G dos. *et. al.* O trabalho da enfermagem em um serviço de controle de infecção hospitalar (SCIH): relato de experiência. **Brazilian Journal of health Review**, Curitiba, v. 3, n. 4, p.9959-9968. Jul./Ago. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/14555> Acesso 20 de janeiro de 2024.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).